



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS V
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RENATA NASCIMENTO SANTANA

**O ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA
PERSPECTIVA DE AFIRMAÇÃO DAS SEXUALIDADES E DA
DIVERSIDADE VIVENCIADAS NA ESCOLA**

Santo Antônio de Jesus- Ba

2022

RENATA NASCIMENTO SANTANA

**O ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVADE
AFIRMAÇÃO DAS SEXUALIDADES E DA DIVERSIDADE VIVENCIADAS NA
ESCOLA**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia com finalidade de obtenção do título de licenciada em História.

Orientadora: Profa. Ma. Marluse Arapiraca dos Santos Cordeiro

Santo Antônio de Jesus/BA

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

O ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVA DE AFIRMAÇÃO DAS SEXUALIDADES E DA DIVERSIDADE VIVENCIADAS NA ESCOLA.

RENATA NASCIMENTO SANTANA


Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em História, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V, Departamento de Ciências Humanas.

Aprovado em: 13/07/2023

Banca Examinadora:



Profª Ma. Marluse Arapiraca dos Santos Cordeiro - Orientador
Universidade do Estado da Bahia - Campus V

 ALINE DAIANE NUNES MASCARENHAS
Data: 16/01/2024 15:03:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Aline Daiane Mascarenhas - Examinador(a)
Universidade do Estado da Bahia - Campus V



Prof. Dr. Ruy D' Oliveira Lima - Examinador(a) Universidade
do Estado da Bahia - Campus V

Santo Antônio de Jesus – BA
2023

O ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVA DE AFIRMAÇÃO DAS SEXUALIDADES E DA DIVERSIDADE VIVENCIADAS NA ESCOLA

RENATA NASCIMENTO SANTANA¹

RESUMO

O estudo visa problematizar a afirmação das sexualidades e diversidade vivenciadas na Educação de jovens e adultos-EJA, de uma unidade escolar em Santo Antônio de Jesus-BA. O cenário da EJA é forjado, enquanto uma possibilidade de reparação das desigualdades sociais, superação do analfabetismo, emancipação e possibilidade de inserção de Jovens e Adultos que não tiveram acesso a educação na idade correspondente. Nesse contexto, a escola vem sendo marcada por conflitos e tensões fomentadas por novas configurações, que se expressam, na dinâmica e universos escolares e emerge temáticas, a partir do crivo da diversidade, influenciando novas perspectivas de novas configurações e práticas pedagógicas que impõe um posicionamento e consciência, diante dos discursos e práticas discriminatórias que classificam e enquadram comportamentos. A afirmação das sexualidades na EJA, permite verificar a construção das subjetividades dos sujeitos, que pretendem romper com a forma de controle e dominação, por meio da análise crítica e da desconstrução dos discursos sobre normalidade, para que os alunos se sintam acolhido e livres para orientação das suas sexualidades. Com a fundamentação teórica, nos autores e autoras: LOURO, 2005, 2016); (BENTO, 2011); (BRITZMAN, 1995, 1996, 1998), oportunizou-se a abordagem de temas que são considerados tabu, que requeiram esclarecimentos científicos, ampliar as noções sobre sexualidade, focando os seus múltiplos aspectos: biológicos, culturais e afetivos. Os caminhos metodológicos do estudo refere-se a uma pesquisa de abordagem qualitativa, com uso do método bibliográfico, pesquisa de campo, analisando de qual forma a Educação de Jovens e Adultos tem sido emancipatória e corroborado para a afirmação da sexualidade e diversidade sexual. A sexualidade é tema de discussão e preocupação na educação regular, mas pouco discutida na educação de jovens e adultos, de forma cidadã e democrática.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e adultos; Sexualidade; Diversidade.

¹ Graduanda em História pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Departamento de Ciências Humanas, campus V, Colegiado de História.

INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho é pretendido estudar a afirmação da sexualidade presente em turmas de Ensino da Educação de Jovens e Adultos, como são construídas, problematizadas e os seus possíveis tensionamentos no espaço escolar. A sexualidade humana é um aspecto constituinte do ser humano, perpassa dentro do contexto social e cultural na qual o indivíduo está inserido, ou seja, é submetido às crenças e valores sociais.

Tema culturalmente problemático na sociedade e no espaço escolar, sendo então considerado um tabu, algo que não deveria ser mencionado e nem visibilizado nas relações e universo escolar.

A forma como as civilizações lidam com sexo/sexualidade durante o decorrer da história nunca foram iguais, por isso, se faz necessária a compreensão de que para além do sexo/ e uso da sexualidade ser intrínseco ao indivíduo ela está inserida e vivenciada os costumes, valores morais e culturais da sociedade na qual se encontra.

O Brasil país de tradição católica, de formação patriarcal e muito influenciado pelos aspectos epistemológicos da cultura europeia, teve sua sociedade formada sob um lastro em que o modelo de humanidade seria o homem, hetero, cisgênero, branco, cristão e da classe dominante. Dessa forma o ideal de sociedade segue a esse padrão de humanidade e o que se expressar de forma diferente, tende a ser constituído como desigual e sujeito a toda forma de rejeição social.

A sociedade precisa compreender a sexualidade enquanto dimensão inerente ao ser humano, e por isso a falta de informação sobre a mesma e/ ou , falta de debates tende a tornar a pessoa exposta e vulnerável a problemas sociais de não aceitação, intolerância, exclusão, consequentes de um negligenciamento da escola, enquanto instituição social democrática e espaço de reflexão, conscientização, em não abordar a educação para a diversidade de forma informativa e esclarecedora. O principal desafio da educação para a diversidade deve ser orientar os alunos para o respeito a pluralidade de expressões, sujeitos e a afirmação de suas identidades raciais, de gênero e sexualidade.

Propondo a inclusão de todos os indivíduos, convivência e respeito às diferenças físicas, sociais e culturais.

O conceito de diversidade diz respeito à igualdade inerente à humanidade e à diferença que nos caracteriza como seres históricos, sociais e determinados pela cultura e contexto vividos. A diversidade sexual é um tema atual que necessita, de uma ampla discussão nas escolas. Um exemplo de desrespeito a essa diversidade é a homofobia contra um(a) aluno(a), que pode acarretar várias consequências como comprometer a inclusão educacional e a

qualidade do ensino, refletir na relação docente/estudante, produzir desinteresse pela escola, dificultar a aprendizagem e conduzir à evasão e ao abandono escolar, por isso ser tão necessário o debate e a problematização da diversidade sexual nas escolas, que é um direito constitucional.

O cenário da EJA foi a modalidade escolhida para o desenvolvimento da investigação e que não é um espaço livre desses dilemas educacionais. O debate sobre a diversidade e afirmação da sexualidade na EJA representa mais um desafio, nesse espaço histórico de lutas e resistência social.

Do ponto de vista histórico o objetivo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é proporcionar acesso à educação e à capacitação das pessoas que, por diversos motivos, não concluíram a Educação Básica na idade certa. Representa uma das sete modalidades educacionais definidas pela LDBEN de 96, com o intuito de garantir aos cidadãos brasileiros o direito a educação, mesmo que fora do período regular, sendo ofertado em três etapas, sendo: do 1º ao 5º ano do Ensino Regular (séries iniciais do Ensino Fundamental), do 6º ao 9º ano do Ensino Regular (séries finais do Ensino Fundamental) e 1º, 2º, 3º do Ensino Médio.

A educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade de ensino precisa está inserida neste desafio de corroborar para o processo de afirmação das sexualidades dos seus educandos, principalmente das sexualidades, dissidentes perante a sociedade(LGBTQIAPN+), ressaltando que o debate sobre a sexualidade é indispensável quando nos referimos a educação de Jovens e Adultos excepcionalmente, pelo fato desta educação já está inserida dentro do contexto de exclusão, dos processos formativos. Pelo fato de acreditar-se que a educação de jovens e adultos não seja uma modalidade de ensino construída, a partir das especificidades/ necessidades/ vivências dos seus alunos, mas um ensino que é procurado para compensar o fato do aluno não ter acompanhado um ensino que “deveria” ter sido cursado e caminhado junto com os estágios do seu desenvolvimento e faixa etária em consonância com o período escolar.

“...a cultura escolar brasileira ainda encontra-se impregnada pela concepção compensatória de educação de jovens e adultos que inspirou o ensino supletivo, visto como instrumento de reposição de estudos não realizados na infância ou adolescência” (PIERRO, 2005, P.1118)

Sendo assim a educação de jovens e adultos já é estigmatizada, devido ao fato dos seus alunos serem vistos como indivíduos que estão atrasados no que diz respeito a educação formal, desconsiderando os fatores que fizeram com que essa educação não chegasse a esse indivíduo e ainda desconsiderando toda a sua contribuição, por fazer parte de grupos de trabalhadores que

trouxe para a sociedade.

Nesse processo o jovem e adulto que faz parte da comunidade LGBTQIAPN+ é duplamente estigmatizado, pelo fato de além do “atraso” na educação formal, ele é ainda considerado um “corpo estranho” dentro do ambiente escolar, considerado fora do padrão heteronormativo². Compreender e aceitar as diferentes manifestações da sexualidade é parte fundamental para que possamos exercer a cidadania dentro do nosso convívio social.

A comunidade composta por pessoas que possuem sexualidades dissidentes se auto classificam LGBTQIAPN+, a sigla representa: L: lésbicas (relações entre pessoas do sexo feminino); G: gays (relações entre pessoas do sexo masculino); B: Bissexuais (pessoas que sentem atração por ambos os sexos tanto feminino como masculino); T: Transgênero/ Transsexuais- Transgêneros são pessoas que possuem a identidade de gênero diferente do gênero no qual nasceu/ Travesti é uma denominação que carrega um cunho político, demonstrando inconformidade com o padrão cisgênero; Q: queer- Pessoas que não definem sua sexualidade, porém, não são héteros; I: Intersexo- Pessoas que biologicamente não nasce em um gênero específico, transitam entre masculino e feminino; A: assexuais- Pessoas que não sentem atração por nenhum gênero; P- panssexuais: Pessoas que sentem atração por outras pessoas independente do gênero; N: neutro/ não- binário: pessoas que não se encaixam no padrão social de masculino e feminino; +: O mais está na sigla para abarcar qualquer indivíduo que não se considera hétero mas também não se encaixa em nenhuma destas classificações.

A Constituição Federal de 1988, proclama no artigo 205 que a Educação é direito de todos os cidadãos, sem nenhuma exceção por gênero, etnia, orientação sexual, religião, classe social, dessa forma todos são iguais perante a lei. Ainda, nesse artigo é definido a educação, enquanto responsabilidade do Estado e da família, o intuito da educação é ser uma educação emancipatória e possibilitar o pleno exercício da cidadania.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, ART. 205)

Porém, apesar da garantia constitucional do direito à educação, aproximadamente duas décadas, após a promulgação da Constituição Federal de 1988 os índices de analfabetismo da população brasileira permaneceram altos, utilizando dados (IBGE, 2015) é estimado que cerca de 8% da população seja analfabeta, ainda dentro desse percentual há variantes de região

² A heteronormatividade pode ser definida como uma produção compulsória da norma heterossexual, que supõe que todas as pessoas devem ser heterossexuais, somente confere legitimidade e inteligibilidade às relações sociais estabelecidas dentro dos quadros e moldes pressupostos pela heterossexualidade

geográfica “... Indo de 16,2% no nordeste para 4% no sudeste e no sul”; idade “...Com uma taxa de 0,8 % entre jovens de 15 a 19 anos e de 22,3% entre pessoas com 60 anos ou mais” e de raça “ brancos 5% de analfabetos e pretos 11,2%” (BRAGA e MAZZEU, 2017, P.25).

A educação de Jovens e Adultos se constitui uma possibilidade de reparar as desigualdades históricas, culturais e sociais, garantindo acesso e permanência educacional como prioridade de política pública.

Estando inserido dentro de um mundo cada vez mais globalizado torna-se cada vez mais indispensável permitir a todos os seres humanos, sem exclusão a aprendizagem ao longo da vida, constituindo para além de um desenvolvimento pessoal o direito a cidadania que possibilita a participação dos indivíduos na construção de uma sociedade mais tolerante, justa, pacífica e próspera; ou seja, uma sociedade democrática que possibilita a inserção de todos (Pierro, 2005) . A educação capaz de ser emancipatória, não é a construída com o intuito de oferecer o que “faltou na idade correta”, no sentido de falta/ substituição, mas, a que reconhece os jovens e adultos como percussores das suas histórias.

A educação capaz de responder a esse desafio não é aquela voltada para as carências e o passado (tal qual a tradição do ensino supletivo), mas aquela que, reconhecendo nos jovens e adultos sujeitos plenos de direito e de cultura, pergunta quais são suas necessidades de aprendizagem no presente, para que possam transformá-lo coletivamente. (PIERRO, 2005,P.1120)

No contexto atual a Educação de Jovens e Adultos- EJA tem seu processo formativo na sociedade brasileira, marcado por uma série de avanços e discontinuidades, além do fato de existirem um número reduzido de políticas públicas para que potencialmente seja atendido a demanda satisfatória. (PAIVA, 2016).

Nas salas de aula, o alunado da EJA é submetido a um preconceito social, que não condiz com os princípios de inclusão e cidadania proposto pela Constituição Federal e demais políticas públicas que assegura ao aluno o direito à educação.

Nesse sentido, o estudo foi suscitado pela trajetória no curso de licenciatura em História, que em seus debates problematizou, em vários componentes a importância de uma formação crítica e a construção de uma consciência da existência das relações de subalternidades sociais ligadas às temáticas como raça, orientação sexual, gênero, etnia, desigualdades socioeconômicas existentes (em níveis macros e micros), justificando a escolha pela temática estudada. Somada a inquietação de desenvolver um estudo sobre a EJA, nutrido ao longo da formação acadêmica.

Dito isso, a realização do trabalho de conclusão de curso voltado para a EJA e a sexualidade é baseado, tanto na falta de oportunidades do contato com o EJA, durante a graduação, como também na possibilidade de investigar a EJA, enquanto uma educação emancipatória, considerando a temática da sexualidade como elemento significativo do processo educativo, proponho a problematização nesse espaço de tessitura social.

Com isso, o problema que suscitou o estudo: Como a Educação de Jovens e Adultos tem corroborado para a emancipação da cidadania e fortalecimento da sexualidade dos alunos?

A pesquisa é de grande relevância Acadêmica devido ao fato de propor uma análise da EJA como potencializadora de debates sobre a diversidade como caminho profícuo de emancipação, respeito e aceitação social.

A presente pesquisa é pertinente no âmbito social no sentido de possibilitar a promoção da conscientização para mais debates em relação a temática EJA e sexualidade; para além, a pesquisa visa garantir a livre expressão das sexualidades dos sujeitos envolvidos, desta forma, sendo importante corroboradora para que venha ocorrer mudanças nas relações sociais destes, pretendendo desta forma fomentar a construção de uma sociedade menos excludente, preconceituosa, intolerante; tornando-a gradativamente acolhedora com os sujeitos sociais diversos que não estão na sala de aula regular e de diferentes orientações das suas sexualidades.

Diante do que foi exposto anteriormente, o objetivo principal da pesquisa é analisar as perspectivas e fundamentos da EJA em uma escola do município de Santo Antônio de Jesus, frente a afirmação das sexualidade dos alunos, recepcionando uma conscientização política sobre a diversidade. Tendo por objetivos específicos: Analisar as perspectivas e fundamentos da EJA na Escola Municipal Luis Eduardo Maron Magalhães; Identificar como se comportam os professores diante de questionamentos específicos dos alunos sobre a sexualidade; Compreender como a Educação de Jovens e Adultos lida com os tensionamentos e ações discriminatórias sexuais no espaço escolar, ocasionados pela LGBTQIAPNfobia, impactando na afirmação das identidades e sexualidade dos estudantes; Perceber se existe práticas pedagógicas que trabalham na perspectiva da aceitação da diversidade sexual;

Em seguida, segue a estrutura do trabalho, que encontra-se organizado da seguinte maneira:

No primeiro tópico é demonstrada a metodologia utilizada para a realização desta investigação, visando analisar o método de pesquisa, os caminhos da investigação, numa abordagem qualitativa.

No segundo tópico traçou-se a trajetória da Educação de Jovens e Adultos, em uma perspectiva histórica, especificando a sua importância e atuação nesse processo de construção da educação para a diversidade sexual, bem como desenvolveu-se o estudo sobre o conceito de sexualidade e sua problemática na escola.

No terceiro tópico ocorre a reflexão da pesquisa desenvolvida no Colégio Municipal Luís Eduardo Maron de Magalhães, e as configurações do contexto de ensino na EJA, sendo então constituído pelos aspectos e dinâmicas da escola. É procurado nessa parte pontuar a maneira que a instituição potencializa e colabora com a convivência com os estudantes LGBTQIAPN+, construindo uma escola democrática que inclui e dialoga com a diversidade, assim sendo, promovendo a inserção desses sujeitos e seus direitos, enquanto cidadãos na sociedade.

Por fim, as considerações finais, expressando as interpretações dos resultados que foram obtidos ao longo da pesquisa. Segue as reflexões sobre os caminhos da pesquisa.

1. Os caminhos Metodológicos

No decorrer do curso de Licenciatura em História não surgiu a oportunidade de se ter contato direto com a Educação de Jovens e Adultos, mas sempre quis aprofundar as leituras para essa modalidade de educação, que do ponto de vista histórico, foi pensada para atender às classes minoritárias, geralmente composta por pessoas que não tiveram acesso à educação no tempo e na etapa de acordo com a faixa etária.

Essas pessoas que vão para a sala de aula com outra perspectiva, tendo em vista que em sua maioria são pais ou mães de família, e são pessoas que já desenvolvem atividades, que contribuem com a sociedade, ou seja, pessoas da classe trabalhadora ou então jovens que migraram do diurno para o noturno, por diversas questões.

O único contato até o momento com a EJA foi através do IEL, em 2019, para completar a carga horária semanal na Escola Municipal Péricles Moraes de Andrade, eu lecionei em uma sala de EJA, foi uma experiência curta, porém a mais desafiadora que eu tive em relação à docência, até então.

Tentar ir em direção contrária a educação bancária, quando estamos em sala de aula é uma prática muito difícil de se realizar, por isso a Educação de Jovens e adultos desestabiliza o educador em relação a essa dicotomia, porque os educandos veem o educador como uma pessoa com mais experiências, vivências e como alguém que é responsável pela docência, sendo inimaginável realizar um trabalho, sem ter consideração com a realidade dos

educandos, com as vivências e conhecimentos que os mesmos trazem para a sala de aula.

Como graduanda em um curso de licenciatura, devemos de forma primordial nos preparar para o contato com a sala de aula, tendo em vista que nossa formação é sobretudo para o exercício da docência e a sala de aula é constituída enquanto um local de diversidade, principalmente, quando nos referimos a sala de aula da EJA, que abrange diferentes grupos.

É também responsabilidade dos professores fazer com que a escola seja um local de inclusão para todas as pessoas, inclusive as que são vistas enquanto discordante do todo, que não seguem o padrão heteronormativo, como é o caso de estudantes que são LGBTQIAPN+, sejam acolhidos.

No intuito de averiguar como a Educação de Jovens e Adultos coopera para a inserção e convivência de alunos com orientações sexuais diferentes do modelo de sujeito universal (homem, branco, cristão, cis) realizou-se a pesquisa qualitativa, utilizando-se de observações em sala de aulas em uma turma da EJA, na Escola Municipal Luis Eduardo Maron de Magalhães, como também houve aplicações de questionários e entrevista com docente da instituição, a fim de analisar as relações com as questões sociais, o ambiente, a cultura e compreender possíveis tensionamentos.

A pesquisa é um procedimento aplicado que objetiva responder, aprofundar ou solucionar uma problemática em questão; ou apenas analisar determinados conteúdos, propor caminhos para investigações. Para o presente trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, que corrobora para a definição do problema a partir do tema escolhido, e na escolha de um método adequado para a realização da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Como metodologia optou-se pela revisão de literatura inicial, numa busca de informações, delineando um estudo que levou o pesquisador a buscar trabalhos anteriores ao seu que pudesse conhecer, explorar mais sobre o tema, sendo assim a pesquisa bibliográfica é um caminho para a elaboração de uma pesquisa científica. Todavia, a pesquisa não se limita a

utilizar os dados e repetir as informações, seu caráter inovador encontra-se na contribuição do pesquisador, acerca do tema proposto a partir de suas análises críticas e conclusões.

Na procura de fontes que pudessem contribuir com a presente pesquisa, verificou-se produções referentes a Educação de Jovens e Adultos, História da EJA e sexualidade. O referencial teórico da área da educação se baseou na pedagogia freireana, quanto ao entendimento das sexualidades, o referencial foi de (LOURO,2005,2016); (BENTO ,2011); (BRITZMAN, 1995,1996,1998).

A pesquisa em campo foi realizada em uma turma de EJA, na Escola Municipal Deputado Luis Eduardo Maron de Magalhães- ELEM, localizada na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA. Atualmente a única escola do município localizada na zona urbana que tem a modalidade de ensino da educação de jovens e adultos.

No primeiro contato com a escola a coordenadora da EJA na instituição foi bem receptiva e solicita, relatou sobre o funcionamento da EJA no colégio e permitiu a realização das observações, porém solicitou que eu aguardasse o retorno da professora regente.

Realizou-se cinco observações entre os dias 26/29/31 do mês de maio de 2023 e 01/02 do mês de junho de 2023. Além das observações foi realizado entrevista com uma professora da turma e houve também a aplicação de questionários sobre gênero e sexualidade com os educandos. A professora era concursada, graduada na disciplina de história, com experiência em sala de aula há mais de quinze anos. No presente momento da pesquisa lecionava no componente curricular de história.

A turma selecionada para a observação foi o 8º B, a escola é adepta ao EJATEC e por esse motivo a modalidade oferece o ensino, juntamente com a qualificação profissional, a turma possuía 31 alunos matriculados, destes 19 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, porém, entre os alunos frequentes a turma era majoritariamente masculina, durante as observações o máximo de presença feminina na turma foi o quantitativo de duas alunas.

O estudo foi exploratório, empírico e de abordagem qualitativa. A pesquisa de abordagem qualitativa objetiva-se à compreensão das subjetividades dos sujeitos inseridos na pesquisa dentro da sua perspectiva histórico- cultural que influenciam suas orientações sexuais diferentes da normalidade, ponderando que a investigação visa o estudo das sexualidades de sujeitos que não se encontram no ensino regular, então minimamente trabalharemos com duas dimensões inerentes a subjetividade o pessoal e o social.

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os grupos atribuem a um

problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída, a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. (CRESWELL, 2010, p. 26)

Dito isso e tendo em vista a especificidade/ particularidade em estudar o público da EJA e as desigualdades sociais as quais os mesmos são submetidos, torna-se viável o uso de uma pesquisa qualitativa, a fim de investigar e explorar as vivências desses sujeitos na escola e os conflitos, tensionamentos, exclusões que enfrentam. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação livre das aulas das professoras, a entrevista semi-estruturada e um diário de campo para fazer reflexões. não está nos

2. Aporte Teórico

2.1 A Educação de jovens e adultos e sua consolidação

A EJA foi uma política pública educacional que buscava promover uma efetiva mudança no cenário educacional do país, dando oportunidade as pessoas que não tiveram acesso à escolarização no momento adequado. A Educação de jovens e adultos-EJA, foi pensada para o ingresso daqueles que sempre ficaram à margem da sociedade e não tiveram condições de estudar. Seu ensino e a aprendizagem na EJA é uma abertura para a diminuição das desigualdades sociais que se difundiu por meio das injustiças sociais no país. Dessa forma, entender como a Educação de Jovens e adultos se consolidou permite que se compreenda a importância do processo de escolarização para quem o sistema negou. Sempre foi alvo de discussões e de questionamentos, e isso se deve a maneira como a modalidade foi tratada desde o princípio pela sociedade e pela própria escola.

A EJA passou por diferentes momentos e teve muitos avanços, mas com muitos retrocessos, em sua trajetória por isso, trazendo à tona questões indispensáveis para se pensar essa modalidade de ensino com enfoque em relação a afirmação das sexualidades, se considerando a EJA como uma ferramenta de transformação social.

Os alunos que recorrem a EJA para conclusão dos seus estudos, sofrem muito preconceito social, teve sempre uma imagem marginalizada, sendo aquele que pouco aprende, pobre, que não possui uma cultura relevante, considerado um sujeito com

habilidades insuficientes para atuar em diferentes ambientes, já que são limitados e oriundos de ensino de pouca qualidade. A EJA corresponde a lógica de uma educação classista, onde seria destinada a pessoas menos afortunadas das classes populares, tivesse a tônica de ser assistencialista, e não um direito institucional (CURY, 2016).

No século XX, a educação passa a ser pública com a República e EJA foi uma bandeira de luta de movimentos sociais, já em 1915 foi fundada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo, que era um movimento que disseminava ideias para combater o analfabetismo com discursos de igualdade e gratuidade da educação, ideias republicanas.

Na década de 1930 o território brasileiro também estava, passando por transformações ao que diz respeito a industrialização, paralelo a esse momento estava ocorrendo o aumento populacional dos centros urbanos, o analfabetismo se constituía, enquanto um entrave para o desenvolvimento econômico do país, onde mais de 70% da população continuava analfabeta e nada foi feito para modificar esse quadro.

Com a proposta do Manifesto dos pioneiros e o projeto da educação nova em 1932, apesar de não ter a educação de jovens e adultos como foco, ensejou discussões que desencadearam um pensamento de maiores investimentos na educação popular. (GADOTTI, 2018).

Pelo Plano de educação Nacional-2001 que tinha o objetivo de promover o ensino primário de forma obrigatória e gratuita, para jovens e adultos, se oficializando a EJA. (GADOTTI, 2018).

A década de 1940 foi um período que ficou marcado pelas políticas pedagógicas; é também na década de 40 que o analfabetismo começou a ser compreendido enquanto um problema social, resultado da pobreza, afim de combater essa desigualdade social a Educação de Jovens e Adultos é entendida enquanto uma possibilidade de intervir na estrutura social e política do Brasil.

A década de 1960 foi marcada por mobilizações que tinham o intuito de romper com a forma institucionalizada que, até então, estava se constituindo a Educação de Jovens e Adultos e no intuito de repensar a EJA, ainda nessa década surgiram os movimentos de educação e cultura popular que eram associados à organizações sociais, ONG's e igreja católica.

Nesse intere também movimentos ligados as classes populares lutam por maior participação política e direitos a educação popular, no sentido de favorecer aos analfabetos

um instrumento de emancipação. Dentro dos movimentos mais relevantes, pode-se citar: Movimento da Cultura Popular – MCP (1961-1964); Campanhas promovidas pelo Ministério da Educação e Saúde – MES (1947-1955); Centro de Popular de Cultura - CPC da UNE (1962-1964); Movimento da Educação de Base – MEB (1961-1967); Campanha de Educação Popular da Paraíba (1962-1964); De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961-1964) e o Programa Nacional de Alfabetização (PNA) do MEC (1963-1964). Paulo Freire esteve presente na maioria desses movimentos de forma direta ou indireta (VENTURA, 2011).

Durante a Ditadura Militar que se instaura em 1964, inicia-se um período de repressão, havendo a proibição das propostas educacionais emancipatórias de Paulo Freire, foi lançado pelo governo o Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAL, movimento que defendia a ideia de que era necessário para os jovens e adultos, apenas as noções básicas da leitura e da escrita.

Em 1967, por meio da Lei 5.379 que foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização, o conhecido MOBRAL, que teve duração até 1980, seguido depois por uma educação supletiva.

Porém, novos ares surgem a partir do processo de redemocratização na década de 1980, um grande marco para a concepção da Educação de Jovens e Adultos é a promulgação da Constituição cidadã em 1988, após a legalidade adquirida pela Constituição de 1988 é imprescindível as Diretrizes Curriculares Nacionais, pois garantem que nacionalmente a EJA possua uma referência exigida, além do documento definir direitos do educando, fundamentos e abordagens.

No que tange a esse direito da EJA o parecer nº 11/2000 da Câmara de Educação Básica é bem pertinente, acentuando o perfil diferenciado do educando da EJA, constatando que não existe tempo perdido, existe tempo que foi utilizado para a obtenção de outras aprendizagens que virão a fomentar a aprendizagem em EJA sala de aula, como podemos observar no parecer da CEB nº 11/2000,

“...a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vacionado" apenas para tarefas e funções "desqualificadas" nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura decordel, o teatro popular, o cancionero regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena.”

A média nacional que um brasileiro passa em sala de aula, ainda segundo o parecer é

de quatro a seis anos; devido a esse motivo o Brasil possui grandes taxas de analfabetismo; por este motivo é tão necessária uma modalidade de ensino que tenha a função de resgatar esses alunos, posteriormente.

A educação por sozinha não consegue lidar com a desigualdade social, mas é através dela que inicia-se esse processo, para isto, necessita-se de uma escola democrática constituída nos processos de igualdade e de liberdade, que para além da alfabetização individual, construa nos alunos que foram alfabetizados, novas perspectivas, ou seja: uma educação formal que para além de individual seja coletiva e social. Com o índice elevado de analfabetismo, se faz primordialmente necessário a educação EJA e sua função reparadora.

No início da década de 90 surge o Movimento de alfabetização- MOVA, que buscava alfabetizar, através do contexto sócio- econômico. Em 1996 surge novamente o programa nacional de Alfabetização do Governo Federal.

No governo Collor de Melo criou projetos de interesses liberal-corporativo, que propôs um novo programa: “Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC)”, que após o impeachment de Collor, foi engavetado. No governo que se seguiu inicia um programa educacional conhecido como o “Plano Decimal” que foi estabelecido em 1994. E a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9394/96, reforçou, colocando a EJA como modalidade educacional.

Atualmente a EJA está funcionando, a partir do Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), originário do Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005, programa do governo federal que visa atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação profissional técnica de nível médio; e especificamente no estado da Bahia dispomos do programa Todos Pela Alfabetização- TOPA. Ou seja, junto com a educação formal, atualmente está sendo disponibilizado para os estudantes da EJA a qualificação profissional, visando inserir esses jovens e Adultos no mercado de trabalho.

Porém, ainda nos dias atuais o Brasil não garante educação formal para todos, que é um direito básico garantido pela Constituição federal. É importante compreender que a Educação de Jovens e Adultos durante toda sua trajetória assim como atualmente é uma modalidade de ensino que envolve outras questões, além da questão educacional, é uma modalidade de ensino que tem sua história marcada no âmbito político e surge, através das mobilizações sociais que reivindicavam a inserção de jovens e adultos na Educação formal, e almejava uma educação com características específicas, sendo pensada a partir da realidade e do conhecimento de mundo dos educandos, objetivando o desenvolvimento pessoal e a inserção desses cidadãos na plena cidadania, emancipação e consciência política.

Não podemos falar de cidadania sem garantir a estes sujeitos a vivência de sua identidade em todos os aspectos, em relação a raça, religião, gênero, profissão, sexualidade.

2.2 Conceito de Gênero, sexo e Sexualidade

Para dar continuidade as reflexões é imprescindível que tenhamos a articulação entre as temáticas sobre a afirmação das sexualidades na Educação de Jovens e adultos, bem como faz-se necessário a definição e diferenciação dos termos gênero, sexo e sexualidade para que haja uma melhor compreensão referente a pesquisa, aqui realizada. Para isso será abordado as suas diferenças.

Sexo é a parte biológica que se divide o conceito de homem, mulher e intersexo. O sexo é definido pelos órgãos reprodutores, tanto externos como internos, como também na quantidade de cromossomos. Intersexo é a pessoa que nasce com características de ambos os gêneros, masculino e feminino (podendo até, biologicamente nascer com os dois órgãos reprodutores).

A categoria gênero é uma construção social e histórica, das funções sociais e relações desiguais entre homens e mulheres, refere-se aos aspectos culturais que diferenciam homens e mulheres. Os gêneros são construções sociais que categorizam e delimitam o “masculino” e o “feminino”, toda e qualquer cultura tem sua delimitação do ideal do que é ser mulher e o que é ser homem, dentro disso incentiva comportamentos sociais a exemplo de formas de se vestir, profissões, valores baseados no gênero atribuído à pessoa quando ela nasceu, ou seja, o sexo biológico.

A sexualidade/ orientação sexual está vinculada à orientação do desejo sexual e afetivo e por isso perpassa pelo sexo (do corpo em si) que o sujeito expressa a sexualidade, isto é, são os usos que se faz do próprio sexo e também é uma construção social.

Normalmente a sexualidade é dividida em heterossexual (quando o sujeito sente atração pelo sexo oposto), homossexual (quando o sujeito sente atração pelo mesmo sexo) ou bissexual (quando o sujeito sente atração por ambos os sexos, masculino e feminino).

Ao que tange a identidade de gênero, podemos afirmar que é sobre o que o sujeito se identifica, por exemplo: Um sujeito do sexo biologicamente masculino pode se identificar tanto com o masculino, como também com o feminino. Como também um sujeito biologicamente feminino pode se identificar com a identidade de gênero masculino. As pessoas que nascem dentro de um gênero e se identificam com o gênero oposto são denominadas de transgênero; e as pessoas que se identificam dentro do próprio gênero que nasceu são denominadas de cisgênero.

A teoria queer (consolidada na década de 1990, quando Judith Butler publica o livro

“problemas de Gênero”) acredita que o sexo assim como o gênero é resultado de uma construção social que o ser vai sendo orientado a seguir desde o nascimento,

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio constructo chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (BUTLER, 2010, p. 25).

No século XIX, o termo QUEER era inicialmente utilizado para hostilizar e depreciar os homossexuais, utilizado como sinônimo de bizarro, estranho; porém a partir de 1980 a comunidade LGBT se apropria do termo resignificando-o. Na década de 90 o termo passa a ser utilizado pela comunidade no âmbito político, reafirmando a inconformidade da comunidade ao que tange às normas e imposições sociais pré- estabelecidas.

“é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre-lugares', do indecível” (LOURO, 2016, p. 7-8).

Por fim, a teoria QUEER dispõe-se a questionar tudo o que é definido enquanto natural perante a sociedade, o que entendemos por masculino, feminino, corpos, desejos e sexualidades; tendo por objetivo o empoderamento dos corpos subalternizados.

Essa teoria tem referências nos movimentos sociais da década de sessenta (a segunda onda do movimento feminista, o movimento negro, o movimento homossexual), estes movimentos foram os primeiros a reivindicar, o corpo, o desejo e a sexualidade, e na década de 80/90 surge então a teoria Queer tendo por base esses movimentos anteriores.

2.3 A Diversidade sexual na escola: O gênero e a sexualidade

A escola deve ser um espaço democrático, para que isso aconteça é necessário que haja espaço para a gama de concepções, crenças e valores de todos. É importante enfatizar que é responsabilidade das instituições escolares oferecer informações pautadas na cientificidade para que os educandos possam formar opiniões acerca do processo de orientação sexual; no que tange o ambiente escolar é necessário que o docente exerça uma mediação, produzindo diálogos e começando por ele mesmo, a quebra de tabus referente a sexualidade.

Britzman defende que pensando a pedagogia como ela foi tradicionalmente concebida

torna-se impossível pensar em uma educação que visibilize e forneça a educação sexual, a autora defende que para que aconteça uma educação sexual é necessário a existência de uma pedagogia na qual os sujeitos estejam dispostos a pensar/questionar sem seguir padrões educacionais pré- estabelecidos, essa pedagogia é denominada pela autora de pedagogia Queer. A teoria Queer é responsável por problematizar a normalização da sexualidade, almeja tornar digno os sujeitos que são marginalizados pela hegemonia social, pejorativamente, com nomes socialmente definidos como: “o viadinho”, “a bicha”, “a mulherzinha”. Entendendo que toda sexualidade (até mesmo a heteronormatividade) é uma construção social, não existe uma forma “natural” de sexualidade, existem imposições sobre o que deve ser aceito e o que deve ser discriminado.

Nenhuma identidade sexual —mesmo a mais normativa —é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (BRITZMAN, 1995/1996)

Historicamente a instituição escolar tem reproduzido padrões sociais ao que tange a corpos e sexualidade, tendo o modelo do “bonito” e “desejável”; como utilizado durante o século XIX, pedagogia queer se propõe a engajar os estudantes em um diálogo sobre como e porque as posições subjetivas e identitárias são afirmadas ou recusadas, o termo Queer tem sua tradução em “estranhe” e a proposta da sua teoria é que a escola, enquanto um espaço que forma identidades esteja preparada para receber os diversos sujeitos sociais, e principalmente o sujeito que não se encaixa dentro do ambiente escolar. Promover uma educação que abarce todos os sujeitos tidos como estranho (até em relações que não são diretamente ligado com sexualidade) é o que defende a Teoria Queer e é também o principal intuito de todos que estão á disposição da contrução de uma escola democratica.

3. A interpretação: A EJA e a abertura para a diversidade sexual

A educação de jovens e adultos enquanto modalidade da educação básica é um espaço de reflexão e construção afim de alcançar um espaço democrático e inclusivo para os educandos inseridos dentro de um sistema machista, sexista, classista e homofóbico. O público alvo da EJA são os sujeitos excluídos, perante a sociedade, homens e mulheres majoritariamente negros, mães e pais de família, sujeitos que já estão inseridos dentro do mercado de trabalho e comumente estão ocupando cargos que não necessitam de qualificação

profissional, sujeitos da zona rural e urbana, e, dentro dessas classificações encontra-se inserido os educandos da comunidade LGBTQIA+ que fazem parte de um grupo subalterno dentro da sociedade.

A escola na qual foi realizada esta pesquisa foi a Escola Municipal Luís Eduardo Maron de Magalhães- ELEM, sendo atualmente a única instituição do município a oferecer a EJA, tendo o funcionamento de mais três turmas da EJA porém em escolas da zona rural.

A instituição na qual foi realizada a pesquisa encontra-se localizada na Rua Vereador Ademario Santos, nº 140, no centro da cidade de Santo Antônio de Jesus-BA.

Fui bem recepcionada pela instituição, pela coordenadora da EJA e por todos os professores que tive contato diretamente, sem exceção conversei com todos e eles expressaram suas dificuldades em relação a temática que eu almeja pesquisar, como também, abordaram questões estruturais da EJA em relação ao déficit na educação sexual.

Como dito anteriormente, a escola é a única da zona urbana que dispõe da modalidade de Jovens e Adultos, segundo a coordenadora da EJA da instituição, a cerca de um ano houve a agrupação de todas as unidades de ensino que ofereciam a EJA, apenas no Luís Eduardo, uma tentativa da gestão do Município de oferecer o ensino com qualificação profissional que é um programa do Ministério da Educação- MEC denominado Educação de Jovens e Adultos integrado a Educação profissional – EJA Integrada a EPT.

A pesquisa em questão foi realizada na ELEM, em uma turma do 8º ano segmento b/b, a turma observada possuía matriculados trinta e um alunos, porém, frequentando durante as observações tínhamos um quantitativo de dez a doze alunos por aula, dentre estes nenhum fazia parte da comunidade LGBT, a turma era, majoritariamente, composta por pessoas do sexo masculino, tendo frequente, apenas duas pessoas do sexo feminino. Os jovens da faixa etária de 17- 24, em sua totalidade jovens negros e periféricos moradores da zona rural e urbana.

Durante as observações das aulas foi percebido que, ao que diz respeito, a temática gênero e sexualidade não eram abordadas dentro dos conteúdos curriculares trabalhados, porém, encontravam-se presentes no cotidiano escolar nas “brincadeiras” e “piadinhas” do tipo: “Isso é coisa de mulherzinha”, “seu viadinho”, “coisa de boiola”, discursos extremamente homofóbicos que foram naturalizados, enquanto brincadeiras, não ocorrendo nenhuma repreensão por partes dos educadores, a não ser quando estava, sendo feito muito barulho a ponto de atrapalhar o decorrer da aula.

Durante as observações notei que as questões em volta de sexualidade e gênero não geram nenhum tensionamento durante as aulas, não pelo fato de não existirem, mas pelo fato de serem invisibilizadas. Em um espaço de formação educacional (como é o caso da escola

que foi observada para a realização dessa pesquisa) ao ocorrer qualquer tipo de comentário que ofende os direitos de determinada comunidade deveria acontecer interferências, principalmente por parte do educador responsável devendo o mesmo promover ações/ diálogos de forma crítica com o intuito do educando compreender a sua ação.

A pesquisa considerou as observações das aulas, como também a entrevista com a professora e as respostas do questionário. O questionário foi aplicado no dia em que a instituição reservou para que os alunos enfeitassem a escola para a festa de São João, por esse motivo o questionário foi respondido pelas três turmas do oitavo ano, os segmentos 8º A/B, B/B (turma observada), B/C, totalizando vinte e três questionários respondidos. Entre as três turmas que realizaram o questionário tinham um público mais diversificado, dentre eles onze pessoas eram do gênero feminino, onze do gênero masculino e uma pessoa não identificou o gênero na realização da pesquisa, o segmento a/b era composta por alunos mais novos e o segmento b/c por alunos mais velhos.

É perceptível, através da aplicação do questionário como questões relacionadas a gênero e sexualidade são estranhas, dentro da realidade dos alunos, desconhecendo termos comuns como homofobia, gênero e até mesmo a própria sigla LGBT. É nítido também a confusão entre gênero e sexualidade. Ao serem questionados sobre gênero a maioria das respostas consistiam em “Feminino e masculino”, mas ao serem questionado sobre o que é sexualidade a maioria das respostas expressavam total desconhecimento em relação a temática, quando não ocorria a confusão “não é a mesma coisa que gênero?”

Diante da necessidade de entender sobre o conceito de homofobia é notório pontuar que os alunos não sabiam nem da existência de um conceito que venha a se referir a práticas discriminatórias e preconceituosas sofridas pelos membros da comunidade LGBTQIAPN+, mesmo muitas vezes esses próprios alunos reproduzem piadas que se encaixam dentro dessa categoria.

Observei que, no espaço físico da instituição existiam vários cartazes sobre temas diversos, porém nenhum que se referendasse às questões de gênero e sexualidade.

Ainda sobre as aulas observadas, que foram de disciplinas distintas como história, artes, português, inglês não percebi em nenhum momento, nem propriamente dentro do conteúdo curricular, como no cotidiano escolar uma preocupação, no que tange às questões de gênero e sexualidade, constatando serem questões invisibilizadas dentro da instituição, e dentro das próprias turmas da Educação de jovens e adultos, para comprovar com a afirmativa acima, a entrevista da professora vem reafirmar isso, durante o diálogo com ela, ela expressa a todo momento o preconceito sofrido pelo alunado da EJA, como uma modalidade de ensino que os professores tem preconceito.

Muitos gestores não querem na instituição por considerar, que os alunos da EJA depredam as carteiras dos alunos do diurno, ou até mesmo por serem rotulados em relação ao possível consumo de drogas; acreditando então que o aluno, apenas por ser da EJA já seriam maus elementos, sendo as outras questões apenas secundárias como raça, gênero, sexualidade, religião.

“O povo tem um certo preconceito com os alunos da EJA no total, inclusive nestante eu tava falando que a diretora não quer a EJA na escola, acha que “as os alunos vão usar drogas”, acham que são alunos que vão ter muita confusão à noite, muitos muitos tem mesmo preconceito com a EJA... tantos os, esses que você tá falando, tanto os alunos considerados normais, todos são vistos de uma forma só...” (Professora Rosangela, 2023)

A professora que concedeu a entrevista, ensina na modalidade de Jovens e Adultos há dezoito anos, estando há um ano nessa instituição. Para ela a EJA contribui para que os alunos da comunidade LGBT exerçam a sua cidadania.

“Eu acho que assim, primeiro que a gente nunca é, nunca excluiu esses alunos, eles sempre tiveram inclusão dentro da escola e sempre foram tratados como os outros alunos também, a gente sempre valorizou lá no celestino mesmo tinha alunos e, eles participavam, eram excelentes alunos, inclusive muito habilidosos, a gente nunca excluiu, e a gente também sempre procurou né, respeita-los e também na nossa pratica fazer com que nossos alunos respeitassem né...”. (Professora Rosangela, 2023)

Ao ser questionada se durante a sua trajetória na EJA ela já presenciou algum ato de homofobia a resposta foi:

“Já presenciei de outra turma, ou até mesmo na sala também entendeu, é, é. A gente já presenciou, mas é isso que eu tô te falando, mas a gente já reclamava, conversava com esses alunos, né, até que eles se acostumaram e não o via como uma pessoa diferente, ah porque tem que chamar ele, se é ela, entendeu ?” (Professora, Rosangela, 2023)

A partir dessa resposta percebemos que a educadora também confunde a questão de gênero x sexualidade, ao se referir a um aluno gay (sexualidade) a mesma confunde o gênero que deve tratar o aluno ele ou ela (masculino e feminino- identidade de gênero)

É apontado pela professora que existe um deficit de atividades que sejam interessantes para a comunidade LGBT, dentro até mesmo dos próprios cursos ofertados pela qualificação profissional, a professora acredita que os alunos LGBTQIAPN+ que estão inseridos dentro da modalidade da EJA não sofrem homofobia, por ser alunos da EJA já estão inseridos num posicionamento de sulbatenização.

“o povo tem um certo preconceito com os alunos da EJA no total, inclusive nestante eu tava falando que a diretora não quer a EJA na escola, acha que “as os alunos vão usar drogas”, acham que são alunos que vão ter muita confusão à noite, muito tem mesmo preconceito com a EJA... tantos os, esses que você tá falando, tanto os alunos considerados normais, todos são vistos de uma forma só...” (Professora, Rosangela,

2023)

Considerando a gama de preconceitos ao qual o público da EJA é submetido, a professora acredita que a homofobia não é existente.

Ao ser questionada se ela percebeu que ocorreram mudanças durante sua trajetória em relação a aceitação dos estudantes LGBTQIA+, a mesma afirma que

“Eu acho que no início teve muito preconceito, entendeu? Quando ia fazer a matrícula que via aquele aluno... tinha muito preconceito, até os professores também, em sala de aula... agora hoje já vê com mais naturalidade, né... já vê com naturalidade, mas é... no início mesmo da EJA tinha preconceito, até pra fazer a matrícula, como é que a escola ia agir com aquele aluno na sala?... e assim, até os outros alunos, ia respeitar? Ia ficar brincando? Ou até assim... algum tipo de violência... ia sofrer algum tipo de violência? Se a escola pudesse não inserir aquele aluno ela faria de tudo”
(Professora, Rosangela, 2023)

A professora afirma que entre os colegas de profissão, ainda é existente o preconceito em relação aos alunos LGBTQIA+, porém devido a repressão social que eles possam vir a sofrer é atualmente um preconceito mais velado, diferente dos tempos anteriores.

“infelizmente ainda tem o preconceito né, hoje tá sendo visto mais assim pra você respeitar né, a abordagem hoje é diferente da do tempo que eu estudei, né, mas... mas ainda existe muito por parte dos professores, talvez não assim..., claramente, mas enquanto tá só os professores aqui conversando existe esse preconceito, né.. talvez na sala não porque pode sofrer algum... alguma voz dizer “ ah professor tá tendo preconceito com fulano” então eles tem medo, mas assim entre professores existem preconceito como eu tava falando...” (Professora, Rosangela, 2023)

Essa foi a contribuição da professora Rosangela. É de extrema importância a participação da professora nessa presente pesquisa devido ao fato dela estar inserida dentro do cotidiano escolar da EJA por um longo período.

4. Considerações finais

Resultados gerais indicam a necessidade de uma abordagem de identidades de sexualidades no contexto escolar que desafie visões essencialistas dos indivíduos e promova uma atitude de respeito à diversidade, frente aos desafios que a sociedade contemporânea nos apresenta para além dos muros da escola.

Através das observações e análises constatamos que a Educação de Jovens e Adultos não trabalha com essas temáticas que envolvem gênero/sexo/sexualidade, assim impossibilitando que estudantes da comunidade LGBTQIA+ estejam inseridos dentro de uma educação emancipatória, que fortaleça a cidadania e promova uma vivência plena, dos mesmos, com liberdade de expressão e afirmação de sua sexualidade.

Constatamos que é necessário políticas públicas que promovam a formação para capacitação de professores da EJA e promova diálogos, abordando a temática e a importância do respeito para com o outro, para que posteriormente o ensino da EJA venha ressignificar a sua função social, que é garantir a emancipação e o fortalecimento e afirmação das identidades sexuais.

Foi evidenciado que a forma como as professoras lidam com a diversidade sexual apresenta carência de informações e apropriação de conceitos relacionados às sexualidades. Apesar de haver abertura para questionamentos em sala de aula e a análise ter ocorrido em uma sala em que a professora se esforçava para ser um espaço acolhedor para todos é perceptível a dificuldade em se problematizar as questões referentes a sexualidade, também é notória a falta de informações e negligenciamento sobre o tema, o que gera tabus no ambiente escolar e podem gerar situações de homofobia.

5. Referência:

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ANDRADE, Laís Gonçalves de. SANTOS, Daniel Kerry dos. (RE)ELABORANDO SENTIDOS SOBRE A POLIATRAÇÃO: OS EFEITOS DA HETERONORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE MULHERES BISSEXUAIS CISGÊNERO . Disponível em: [TCC FINAL.pdf \(animaeducacao.com.br\)](#).

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Revista Estudos Feministas, 19(2), (2011). p. 549-559. <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9986> . Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, . [2022]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 set, 2022.

BRAGA, A. C.; MAZZEU, F. J. C. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, p. 24–46, 2017. DOI: 10.22633/rpge.v21.n1.2017.9986. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9986> . Acesso em: 20 abr. 2023.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor?: identidade homossexual, educação e currículo. Educação & Realidade, 21(1), (1995/1996), p. 71-96.

BRITZMAN, D. P. Lost subjects, contested objects: Toward a psychoanalytic inquiry of learning. New York: Suny Press, (1998)

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Creswell, John W. Projeto de pesquisa : métodos qualitativo, quantitativo e misto / John W. Creswell; tradução Magda Lopes ; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. - 3. ed. - Porto Alegre : Artmed, 2010

CURY, C. R. J. Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais. São Paulo: Cortez, 2016.

Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

Fávero, O. Motta, E. (Orgs.). Educação popular e educação de jovens e adultos. 1. ed. Petrópolis: De Petrus et Alli; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

GADOTTI, Moacir. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In:

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e propostas. 8.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2018. (Guia da Escola Cidadã)

Figueiredo, E. (2018). Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Revista Criação & Crítica*, (20), 40-55. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i20p40-55>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de Pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

MIRANDA, L.C. d.P.; SOUZA, L.T.; PEREIRA, L.R.D. A trajetória histórica do Brasil e suas perspectivas na atualidade. Montes Claros, seminário de iniciação científica, 2016. Disponível em: < <https://www.ifnmg.edu.br/arquivos/2016/proppi/sic/resumos/e4e0c388-a724-45cb-8189-46e3a70afa64.pdf> >. Acesso em: 01. De dez. de 2022.

Mota, Clécia Soares de Alencar et al. O tema sexualidade em sala de EJA: uma abordagem. CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 3., 2005, Águas de Lindólia. Anais... São paulo: PROEX; UNESP, 2005. p. 111 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/143717>>.

PAIVA, Jane. EJA: Formação técnica integrada ao ensino médio. Histórico da eja no brasil: descontinuidades e políticas públicas insuficientes. Rio de Janeiro. p 24-35. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto16.pdf >. Acesso em: 25 de nov. 2022.

PIERRO, Maria Clara Di. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

RODRIGUES, G. V; PORCHAT, P. Deborah Britzman e a educação sexual: entre a pedagogia queer e a psicanálise. Revista de Ciências Humanas, v.52, 2018. DOI: 10.5007/2178-4582.2018.56716

SANTANA, Renata O ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVA DE AFIRMAÇÃO DAS SEXUALIDADES VIVENCIADA NA ESCOLA Orientadora: Marluse Arapiraca dos Santos. 2023. (quantidade de folhas). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Campus de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, 2023.